

Corpo-mercado:
a mercantilização da vida humana
na era da bioeconomia



Céline Lafontaine

Tradução

Christopher Jonathan Moro
Débora Aymoré
Gabriel Parolin Tozetto



ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA
São Paulo, 2025

ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA

DIRETORIA EDITORIAL

Pablo Rubén Mariconda (USP-Br)

VICE-DIRETORIA EDITORIAL

Plínio Junqueira Smith (Unifesp-Br)

Sylvia Gemignani Garcia (USP-Br)

CONSELHO EDITORIAL

Antonio Augusto Passos Videira (UFRJ-Br)

Eduardo Alejandro Barrio (UBA-Ar)

Eleonora Orlando (UBA-Ar)

Gustavo Andrés Caponi (UFSC-Br)

Hugh Lacey (Swarthmore College-EUA)

Ivan Domingues (UFMG-Br)

Jelson Oliveira (PUCPR-Br)

João Príncipe (UE-Pt)

Jose Diez (UB-Esp)

José Luís Garcia (UL-Pt)

Leopoldo Waizbort (USP-Br)

Luciana Zaterka (UFABC-Br)

Marco Antonio de Ávila Zingano (USP-Br)

Marcos Barbosa de Oliveira (USP-Br)

Maria Cecilia Leonel Gomes dos Reis (UFABC-Br)

Olival Freire (UFBA-Br)

Osvaldo Pessoa Junior (USP-Br)

Pablo Lorenzano (UNQ-Ar)

Patrícia Kauark (UFMG-Br)

Paulo Faria (UFRS-Br)

Roberto Bolzani Filho (USP-Br)

Silvia Alejandra Manzo (UNLP-Ar)

Silvio Seno Chibeni (Unicamp-Br)

Vicente Sanfélix-Vidarte (UV-Esp)

www.scientiaestudia.org.br/editora

COPYRIGHT © Associação Filosófica *Scientiae Studia*, 2025

COPYRIGHT © Éditions du Seuil, 2014

TÍTULO ORIGINAL: *Le Corps-marché. La marchandisation de la vie humaine à l'ère de la bioéconomie.*

EDIÇÃO: Leticia Mariconda e Mariana de Andrade Coelho

TRADUÇÃO: Christopher Jonathan Moro, Débora Aymoré, Gabriel Parolin Tozetto

REVISÃO TÉCNICA: Mariana Andrade Coelho e Ricardo Garcez

DESIGN EDITORIAL E CAPA: Leticia Mariconda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lafontaine, Céline
Corpo-mercado : a mercantilização da vida humana na era da bioeconomia / Céline Lafontaine ; tradução Christopher Jonathan Moro, Débora Aymoré, Gabriel Parolin Tozetto. -- São Paulo : Scientiae Studia, 2025. -- (Coleção de estudos sobre a ciência e a tecnologia)

Título original: *Le corps-marché: la marchandisation de la vie humaine à l'ère de la bioéconomie.*

ISBN 978-65-86595-22-2

1. Biocapitalismo 2. Bioeconomia 3. Biopolítica
4. Biotecnologia - Aspectos sociais 5. Epistemologia
6. Ética médica I. Título. II. Série.

25-323762.2

CDD-170

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética : Filosofia 170

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Associação Filosófica *Scientiae Studia*

Rua Doutor Cícero de Alencar, 131

05580-080 – São Paulo, SP

www.scientiaestudia.org.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO . 11

CAPÍTULO 1. O corpo no horizonte da bioeconomia . 17

- 1.1 Corpo, moeda e modernidade . 20
- 1.2 O escravizado, figura econômica da vida nua . 24
- 1.3 Do corpo produtivo do operário ao corpo como insumo da bioeconomia . 28
- 1.4 A grande reapropriação: às origens da bioeconomia . 31
- 1.5 A entropia, o vivo e o desenvolvimento sustentável . 35
- 1.6 Do biomédico ao biocapital: o corpo prometido da bioeconomia . 42
- 1.7 Regenerar o corpo para revitalizar a economia . 47
- 1.8 O corpo, o embrião e as células-tronco: a criação de um biovalor . 49
- 1.9 Da saúde perfeita ao corpo aperfeiçoado: rumo a uma biocidadania . 52
- 1.10 A biomedicalização, um processo global . 54
- 1.11 A saúde globalizada . 59

CAPÍTULO 2. A grande reciclagem: do corpo como insumo aos bio-objetos . 65

- 2.1 A objetivação do corpo como insumo . 68
- 2.2 Medicina de transplante e a “insumização” dos órgãos humanos . 73
- 2.3 Das células sem corpo: o nascimento dos bio-objetos . 80
- 2.4 O caso HeLa: as células cancerígenas tornadas um insumo precioso . 85
- 2.5 O homem das células de ouro . 91
- 2.6 Uma economia dos resíduos . 96

Corpo-mercado: a mercantilização da vida humana na era da bioeconomia

CAPÍTULO 3. O revés da doação: a face oculta do biocapital • 103

- 3.1 A doação de sangue: da encarnação do corpo político à bioeconomia • 107
- 3.2 A ambivalência da doação de órgãos: entre a objetificação e subjetivação • 113
- 3.3 Da doação ao mercado: a dupla função do consentimento esclarecido • 120
- 3.4 Doação e biobancos: os limites do consentimento esclarecido • 126
- 3.5 Biobancos, biocidadania e bioeconomia • 129
- 3.6 Doação e informações genéticas: a criação de um biovalor • 135
- 3.7 Doação e reprodução: o caso das células reprodutivas • 141
- 3.8 Geopolítica e polissemia da doação: o caso das células-tronco • 148

CAPÍTULO 4. Da reprodução à regeneração: a bioeconomia do corpo feminino • 151

- 4.1 O corpo-usina de reprodução assistida • 156
- 4.2 O embrião imaculado • 164
- 4.3 Dos óvulos às células-tronco: o redirecionamento da reprodução • 170
- 4.4 Padronizar as células-tronco ou apagar suas impressões corporais • 178
- 4.5 Nas origens do biovalor: a produtividade do corpo reprodutivo • 181
- 4.6 Os biobancos de sangue de cordão umbilical: o corpo como investimento • 188
- 4.7 O modelo L'Oréal de autorregeneração: “Porque você vale muito...” • 196

CAPÍTULO 5. Do <i>in vitro</i> ao <i>in vivo</i>: o duplo corpo da bioeconomia	• 199
5.1 Os corpos vis à serviço do biocapital	• 204
5.2 A globalização do trabalho clínico	• 211
5.3 Do turismo médico à peregrinação terapêutica: uma economia da promessa	• 221
5.4 Do direito à experimentação à medicina translacional: a biocidadania a serviço do biocapital	• 231
CONCLUSÃO	• 243
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	• 249

Agradecimentos

O projeto deste livro nasceu no quadro de um longo período de trabalho no Instituto de Estudos Avançados de Nantes. Agradeço à direção e a todos os meus colegas, particularmente Clarissa Herrenschmidt e Joseph Tonda que, durante nossas longas discussões, deram-me muito a pensar. Costaria de exprimir minha gratidão à professora Melinda Cooper que, generosamente, deu-me acesso ao manuscrito de seu último livro, escrito em colaboração com Catherine Waldby. Devo muito a vocês este livro. Que meu colega e amigo, o filósofo Jean Robillard, saiba que sou grata a suas críticas e a seus comentários, que me permitiram aprimorar o texto final. Meus mais sinceros agradecimentos a meus assistentes de pesquisa, Didier Fayon e Amandine Vassaux. Além de sua participação em todas as etapas dessa pesquisa, Amandine releu e corrigiu todo o manuscrito. Sou muito grata a ela. Por fim, meus pensamentos se voltam à minha família, primeiramente, a meus pais, Jeannette Dufour e Albert Lafontaine, que hoje e sempre serão uma fonte de inspiração para mim. E, obviamente, a meu marido, Yan Breuleux, e à minha filha, Marguerite, que me acompanharam nessa longa aventura.

CÉLINE LAFONTAINE

Para Yan.

Introdução

Para existir é preciso ser uma matéria-prima: ser é “ser matéria-prima”. Tal é a tese metafísica fundamental do industrialismo (Anders, 2011, p. 33).

Ao contrário do provérbio popular segundo o qual a vida não tem preço, no mundo globalizado do capitalismo triunfante nada escapa ao cálculo comercial. Há muito tempo, companhias de seguro e gestores públicos dispõem de instrumentos estatísticos complexos capazes de quantificar o valor econômico de uma vida individual. Criados segundo lógicas contábeis, os algoritmos servem para fixar o montante da indenização em caso de morte, variando segundo suas causas e circunstâncias (cf. Baumstark, Carrère & Rochaix, 2008). No entanto, para além dos debates econômicos sobre os indicadores e os métodos para mensurar essa indenização, uma coisa é certa: nem todas as vidas humanas têm o mesmo valor. Assim, os familiares das vítimas dos atentados de 11 de setembro de 2001 receberam do governo estadunidense uma soma de 2 milhões de dólares pela perda de um ente querido. Já em 2012, os civis afegãos vítimas dos disparos de um soldado estadunidense, receberam 50 mil dólares cada (cf. *L'Express*, 2012). O exemplo, extraído da geopolítica internacional, é marcante e, ao mesmo tempo, tristemente banal, dado o quanto desigualdades desse tipo se tornaram comuns. Este livro não se ocupa do valor estatístico da vida humana, nem

das questões relativas à mensuração econômica de nascimentos e mortes. Embora o valor financeiro da vida seja um tema central, o ponto de partida é outro. Trata-se de analisar e compreender como “a vida em si mesma”, isto é, o conjunto dos processos biológicos que sustentam a existência corporal, tornou-se o núcleo de uma nova fase da globalização capitalista: a bioeconomia.¹ Esta pode se definir sumariamente como a aplicação das biotecnologias “à produção primária, à saúde e à indústria” (OCDE, 2009b, p. 19), a fim de aumentar a produtividade econômica.² Ao mesmo tempo, matéria-prima e força produtiva, o mundo vivente como um todo é, para retomar a fórmula Günther Anders, “considerado como uma mina a ser explorada” (Anders, 2011, p. 32). Enquanto matéria orgânica, o corpo humano não escapa a essa nova transformação do vivente em valor econômico. Decomposto em múltiplos elementos como genes, células, órgãos e tecidos, o corpo humano tornou-se a base de um vasto mercado. A indústria biofarmacêutica e a lógica de inovação que hoje orientam a pesquisa biomédica ampliam constantemente os limites de sua exploração. As páginas que seguem serão, portanto, dedicadas às novas formas pelas quais a bioeconomia transforma o corpo humano em valor.

¹ A expressão “a vida em si mesma” é, na verdade, uma tradução do conceito “*the life itself*” frequentemente utilizada no domínio da antropologia médica e dos *Science studies* para designar a tendência contemporânea para pensar o corpo e a individualidade a partir de processos biológicos em escala molecular.

² Esse volumoso relatório sobre a bioeconomia de 363 páginas decorre de um projeto lançado em 2006.

O título do livro, *Corpo-mercado*, não remete unicamente à mercantilização do corpo em partes separadas. Certamente, uma grande parte da análise apresentada aqui se debruça sobre o uso biotecnológico dos elementos corporais enquanto matéria-prima para a indústria biomédica. Entretanto, o corpo humano, em sua vitalidade biológica, ocupa todas as posições econômicas: moeda de troca, matéria-prima, força produtiva, instrumento de experimentação e objeto de consumo. Mais profundamente, o *corpo-mercado* constitui a infraestrutura econômica da *sociedade pós-mortal*, em que a manutenção, o controle, o aprimoramento e o prolongamento da vitalidade corporal tornam-se fiadores do próprio sentido da existência (cf. Lafontaine, 2008). Nesse contexto, o corpo é ao mesmo tempo puro objeto, uma matéria maleável, e suporte de identidade subjetiva. O *corpo-mercado* representa, assim, a fase atual do capitalismo, em que cada indivíduo é concebido como um empreendedor de si mesmo, chamado a investir em seu próprio capital biológico. Enraizada nos fundamentos antropológicos mais profundos (o desejo de escapar da doença, o sonho de uma juventude eterna e o medo da morte), a bioeconomia do corpo humano expressa o ponto culminante de um capitalismo que se alimenta das promessas e esperanças trazidas pelas inovações biomédicas.

A perspectiva aqui adotada não é a de uma economista, mas a de uma socióloga que busca compreender os problemas sociais, políticos e culturais inerentes a essa nova forma de transformação do corpo humano

em valor. Seu objetivo é lançar luz sobre os recursos econômicos e financeiros da pesquisa biomédica, frequentemente mantidos à sombra. A forte carga simbólica que mobiliza causas como a luta contra o câncer, o tratamento da infertilidade ou a pesquisa de tratamentos contra doenças degenerativas contribui, de fato, para ocultar os mecanismos de apropriação dos elementos do corpo humano e a privatização dos resultados da pesquisa. A invisibilidade social dos processos econômicos que sustentam a inovação biomédica contém, sem dúvida, uma parcela de cegueira voluntária. Eis aí a força do neoliberalismo próprio à bioeconomia: tornar socialmente legítimo “o uso humano dos seres humanos” (Wiener, 1971).³

Concebido como uma ampla introdução aos problemas da bioeconomia do corpo humano, este livro se abre para o horizonte histórico que remonta às origens da moeda de troca. De caráter especulativo, a tese antropológica que associa o corpo feminino à invenção da moeda, serviu-me de ponto de partida para apreender a profundidade das mutações em curso na bioeconomia. Essa hipótese pode parecer secundária diante dos desafios colocados pela informatização e pelo desenvolvimento das biotecnologias; ainda assim, optei por situar a análise nesse enquadramento mais amplo, a fim de ganhar alguma distância em relação às questões contemporâneas.

Os leitores encontrarão aqui uma série de neologismos que funcionam como tradução de conceitos

³ Subtítulo do livro de Norbert Wiener, 1971. Em sua origem, essa expressão remete ao uso das potencialidades do computador na organização das sociedades.

formulados por antropólogos e sociólogos de língua inglesa. É importante destacar que a problemática da bioeconomia ocupa hoje um lugar central em inúmeros estudos no campo da antropologia médica e dos estudos científicos (*Science Studies*) em escala internacional, trabalhos que, infelizmente, permanecem em grande parte inéditos em francês. Em síntese, o que proponho neste livro é oferecer aos leitores uma introdução a certos críticos da bioeconomia, cujas obras considero fundamentais.

Após contextualizar histórica e teoricamente a bioeconomia, o livro examina o processo pelo qual o corpo foi, gradualmente, objetificado, fragmentado e reconstituído pelas biotecnologias. Em seguida, discutiremos como a economia da doação, cuja retórica tende a encobrir os mecanismos de apropriação e de patenteamento dos elementos do corpo humano. Um capítulo é inteiramente dedicado à bioeconomia do corpo feminino, uma vez que os óvulos e os embriões ocupam hoje uma posição central na dinâmica global da reprodução assistida e da pesquisa com células-tronco. Por fim, analisaremos o uso cada vez mais amplo do corpo vivente como instrumento de experimentação, mostrando de que modo cada paciente é, atualmente, mobilizado em favor da pesquisa biomédica.

Ao traçar de forma transversal os contornos do *corpo-mercado*, esta obra não pretende oferecer um panorama exaustivo dos problemas relativos à bioeconomia. As questões de ordem ética foram voluntariamente deixadas de lado a fim de dar ênfase nos

mecanismos econômicos, políticos e sociológicos que sustentam o *corpo-mercado*. Dando continuidade à pesquisa sociológica iniciada em *L'empire cybernétique* (Lafontaine, 2004) e *La société postmortelle* (Lafontaine, 2008), este trabalho examina as transformações políticas, sociais, econômicas e tecnocientíficas do mundo forjado no pós Segunda Guerra Mundial. A reflexão sobre o estatuto da subjetividade na era do paradigma informacional e das redes informáticas conduziu-me, inevitavelmente, ao corpo humano e à sua materialidade biológica. Não é por acaso que o colapso das fronteiras entre o humano e a máquina tenha aberto caminho à industrialização dos processos vitais. Como veremos, a bioeconomia concentra em si todos os paradoxos da civilização informacional.

Para continuar a leitura escreva para
vendas@scientiaestudia.org.br



Este livro foi composto com a fonte
Filosofia no verão de 2025 e impresso
pela Gráfica Eskenazi, em tiragem de
500 exemplares, no outono de 2026.

Sua realização é dedicada à memória
da querida professora Débora Aymoré.